

PATRÍCIA DOS SANTOS SUEZA

**INTERCULTURALIDADE E TERRITÓRIO: O ENCONTRO DE CULTURAS
TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS**

CELACC/ECA - USP

2014

PATRÍCIA DOS SANTOS SUEZA

**INTERCULTURALIDADE E TERRITÓRIO: O ENCONTRO DE CULTURAS
TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS**

Trabalho de conclusão do curso de pós-
graduação em Gestão de Projetos
Culturais e Organização de Eventos,
produzido sob a orientação da Prof.^a.
Fabiana Amaral.

CELACC/ECA – USP

2014

AGRADECIMENTOS

Aos mestres e ao CELACC, em especial professor Dr. Dennis Oliveira e minha professora orientadora Fabiana Amaral, meus sinceros agradecimentos por todos os ensinamentos, pelas leituras recomendadas, pela amizade, pelo apoio e por terem acreditado na conclusão deste artigo. Aos companheiros de sala, gratidão por sempre se solidarizarem e compartilharem suas experiências e pensamentos, e fazerem parte desse crescimento e amadurecimento intelectual. Aos amigos e família que acompanharam todo o processo, dando força sempre que precisei. Aos participantes e organizadores do Encontro de Culturas. A professora Maria Nazareth, por motivar seus alunos a irem a campo, desenvolverem um pensamento crítico e plantarem uma semente de mudança onde quer que estejam.

“Cada povo tem uma inteligência, tem uma pulsação, uma forma de entender o mundo, tem uma perspicácia, um ingrediente, né? Pra mexer com as coisas.”

Décio Marques

RESUMO

O presente artigo tem como propósito investigar o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que acontece anualmente na Vila de São Jorge, Alto Paraíso - GO, de forma a compreender sua importância como espaço de discussão para os povos indígenas e manifestações tradicionais da região. Para tanto, foi feita uma análise do processo de colonização da América Latina e uma abordagem das classes subalternas nesse processo, uma explanação acerca dos novos movimentos sociais e da importância do diálogo intercultural na manutenção e preservação da cultura.

Palavras-chave: interculturalidade, troca, integração, território, sagrado

RESUMEN

El presente artículo propone investigar el “Encontro de Culturas Tradicionais” (Encuentro de Culturas Tradicionales) de la Chapada dos Veadeiros, que tiene sitio una vez al año en la Vila de São Jorge, Alto Paraíso, Goiás, para comprender su importancia como espacio de discusión para los pueblos indígenas y manifestaciones culturales de región. Para lo tanto, ha sido hecha un análisis del proceso de colonización de América Latina y un abordaje de las clases subalternas en este proceso, una explicación de los nuevos movimientos sociales y su importancia en el dialogo entre culturas, y en la manutención y la preservación de la cultura.

Palabras Clave: interculturalidade, intercambio, integración, territorio, sagrado

ABSTRACT

This article aims to investigate the Encounter of Traditional Cultures at Chapada dos Veadeiros, which takes place annually at Sao Jorge Villa, Alto Paraíso - Goiás State, to understand its importance as a place for debate to the indigenous people and traditional demonstrations from the region. Therefore, an analysis was carried out of the colonization process of Latin America and approach of the subdued classes in this process, an explanation surrounding the new social movements and the importance of an intercultural dialogue in peacekeeping and preservation of the culture.

Keywords: Interculturalidade, exchange, integration, holy, territory

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA | 10 |
| 2 AS CLASSES SUBALTERNAS E A INTERCULTURALIDADE NO CONTEXTO DO ENCONTRO | 14 |
| 3 O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS | 17 |
| 4 O ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS | 22 |
| 4.1 O Encontro e sua importância como festa popular | 24 |
| 5. LEITURA DE CAMPO: O DIÁLOGO INTERCULTURAL NO TERRITÓRIO DA CHAPADA DOS VEADEIROS | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| BIBLIOGRAFIA | 40 |
| ANEXOS | 42 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como propósito investigar o Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros, que acontece há doze anos na Vila de São Jorge - Alto Paraíso - GO. O encontro tem como objetivo o fortalecimento das tradições populares, proteção do patrimônio imaterial local e a promoção do intercâmbio com manifestações culturais advindas de outras cidades e países. Desta forma, a hipótese investigativa deste trabalho, foi analisar o Encontro como rearticulador de novas possibilidades contra-hegemônicas. Para tanto, o processo de colonização da América Latina e seu impacto na cultura foram analisados, bem como o cenário das classes subalternas e sua importância no fortalecimento das manifestações populares e identidade cultural/nacional. Outros tópicos foram abordados para contextualizar o Encontro e seu potencial social a partir do diálogo intercultural e dos novos movimentos sociais, tendo como foco a territorialidade.

A América Latina sofreu um duro e violento processo de colonização, teve seu território invadido e seu povo massacrado pelos colonizadores, e junto com eles suas crenças, história e visão de mundo, para dar lugar ao pensar e agir advindos da Europa. Dado esse fato, emerge ao longo dos anos, uma necessidade de descontinuação desse processo, que é mais notória a partir da década de 1990 em virtude dos novos movimentos sociais que vem buscando uma reforma progressista em oposição ao formato centralizador e dominador do neoliberalismo. Tais movimentos surgem na ânsia dos setores populares de repensar as formas de produção e reprodução, territoriais e simbólicas de seu cotidiano. Equador, Brasil e Venezuela, tiveram mudanças em sua estrutura política com a luta desses movimentos. As relações entre Estado, dirigentes e dirigidos, passam a se horizontalizar. Nota-se a ascensão e participação popular nas decisões, bem como a intermediação das mesmas junto aos poderes públicos.

Entre os principais e mais significativos movimentos sociais latino-americanos, podemos destacar: o Movimento dos Sem Terra e Seringueiros no Brasil, movimentos indígenas equatorianos, neozapatistas, guerreiros da água, camponeses coccaleros bolivianos e desocupados argentinos. Entre as características comuns desses movimentos, destaca-se a problemática territorial, ou seja, a busca pela reconfiguração, resignificação e retomada do

espaço físico, em busca de relações igualitárias e horizontais, que não depreendem o ambiente, uma vez que a terra não é vista somente como meio de produção do ponto de vista econômico, mas sim como local de construção coletiva de uma nova organização social, onde o sujeito se apropria material e simbolicamente do espaço. Pode-se considerar, desta forma, que esses movimentos corroboram para uma descolonização da América Latina, uma vez que a autonomia é exaltada e novos caminhos e formas de se relacionar com o outro e com o espaço são articulados. Caminhos que, por sua vez, favorecem a valorização das produções simbólicas, afirmação da identidade, promovem práticas culturais e propagação de tradições.

Diante desse contexto, o Encontro de Culturas, foi observado como um espaço de rearticulação que promove reflexões similares às dos movimentos sociais, uma vez que coloca em discussão as políticas públicas, a territorialidade, as mudanças na maneira convencional de pensar e fazer cultura, por meio de um diálogo intercultural. A dinâmica da interculturalidade e as manifestações das classes subalternas serão abordadas como caminhos para o processo de descolonização da América Latina tendo como base também o relatório mundial da UNESCO sobre diversidade cultural e diálogo intercultural. O relatório examina a diversidade cultural de um ponto de vista mais amplo, que ultrapassa o multiculturalismo, visto que busca a valorização e proteção das culturas por meio da troca e reconhecimento da diversidade expõe a importância de se investir no diálogo para o desenvolvimento sustentável, exercício das liberdades e dos direitos humanos e fortalecimento da coesão social e governança democrática, visando a paz e prevenção dos conflitos, e colocando em questão também o perverso processo de globalização.

1 A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

A América Latina configura-se como um território marcado pelo colonialismo, pela dominação e pela exploração da terra e de seus povos. A expansão marítima europeia do comércio é protagonista desse processo histórico. A Europa Ocidental e sua emergente busca pelo progresso chegam ao continente destruindo civilizações inteiras a procura de riquezas.

Tal expansão se deu de forma violenta e baseada num modo hegemônico de conhecimento e controle da subjetividade que vinha sendo construído na Europa. O padrão eurocêntrico de poder impunha sua visão de cultura, evolução e desenvolvimento, ignorando todas as crenças, sabedoria, religião, costumes e história presentes aqui. Em outras palavras, a América teve sua história roubada e interrompida.

Em um texto dedicado ao debate contra o racismo, o sociólogo Clovis Moura (2014) aponta para o fato de que a visão eurocêntrica vai se instalando e se fortalecendo na ideia de raça e superioridade biológica, que excluía as diferenças étnicas e colocava os negros e os índios na condição de inferiores, de indivíduos que tinham como vocação servir e trabalhar para brancos.

Esse discurso ajudava o colonizador a legitimar as ações dominadoras do processo de expansão territorial e imposição do pensar europeu. Moura resgata as questões do colonialismo e de tais argumentos “científicos” que na época serviram de alicerce para manter o sistema de exploração de negros, índios e mestiços.

As crenças religiosas dos cristãos europeus que aqui chegavam, inicialmente serviam para justificar a dominação europeia sobre os indígenas e negros, fazendo analogias ao velho testamento, por exemplo, no qual se lê que os “filhos de Cam foram condenados a serem lenhadores e aguadeiros”. Mas tais razões “sobrenaturais” perdem força e os brancos passam a se apoiar na doutrina da seleção natural e da sobrevivência.

A rapidez com que esse conceito puramente biológico chegou a dominar em todos os campos e atividades do pensamento europeu nos dá a ideia da necessidade

urgente que se precisava para justificar a dominação. Nessa teoria universalmente aceita, a dominação europeia encontrou a forma de justificar-se que estava procurando. Já que os brancos haviam conseguido mais êxito que as outras raças, tinham de ser, *per si*, superiores a ela. O fato de que esta dominação tinha data muito recente foi justificado alegando-se que o europeu médio não tinha perspectiva mundial, assim como os outros argumentos procuravam demonstrar que as raças restantes ocupavam na realidade uma posição inferior na escala da evolução física. (ALAIN, 1982, p. 69).

Com base em tais doutrinas biológicas, surge então a ideia de raça que fortalece o racismo e intolerância étnica. Nesse contexto a população nativa e também a população trazida da África, eram julgadas como incapazes de se civilizarem.

Toda essa população nativa ou compulsoriamente trazida da África fazia parte de uma massa sem história, sem máscara, sem cultura, sem moral e sem perspectiva civilizatória. Já no início do século XIX os teóricos racistas substituíram as explicações, como já foi dito, enquanto as demais áreas da Ásia, África e Oceania eram ocupadas com o mesmo pretexto. (MOURA, 2014, p.7)

Justamente por isso se faz urgente a retomada da autonomia, da história e a necessidade de descolonização da América Latina. Aníbal Quijano (2005), em seu artigo *Dom Quixote e os Moinhos de Vento na América Latina* adverte para esse fato:

Esses fantasmas são aqueles que habitam nossa existência social, assediam nossa memória, inquietam cada projeto histórico, irrompem com frequência em nossa vida, deixam mortos, feridos e contundidos, mas as mutações históricas que lhes dariam finalmente descanso não estiveram até hoje a nosso alcance. Contudo, não somente é importante fazê-lo. É, literalmente, urgente. Porque, enquanto esse padrão de poder culmina sua trajetória de desenvolvimento e no próprio momento da exacerbação de suas piores tendências, com a planetarização de seu domínio, a América Latina não só continua prisioneira da colonialidade do poder e de sua dependência, mas sim, precisamente devido a isso, inclusive arrisca não chegar ao novo mundo que se vai configurando na crise atual, a mais profunda e global de todo o período da colonial/modernidade. (QUIJANO, 2005, p.8)

Quijano alerta para a necessidade de libertar a América da prisão eurocêntrica e reconhecer sua história. O desafio consiste em deixar de olhar para o continente com os olhos do dominador e resgatar essas identidades e manifestações marginalizadas e inferiorizadas durante séculos, em favor do progresso e da modernidade.

Sendo assim, o presente artigo, tem como objetivo pesquisar o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros como possibilidade contra-hegemônica a partir dos problemas apontados anteriormente.

Para tanto, foram feitos alguns apontamentos com base no relatório da UNESCO sobre a importância do diálogo intercultural e respeito à diversidade cultural dentro do cenário de dominação e produção capitalista, pois perante o cenário apresentado se fez necessária a investigação das ferramentas existentes hoje que confrontam o pensar hegemônico e colocam em debate a situação dos povos indígenas e manifestações da cultura popular no Brasil.

O relatório da UNESCO de 2009 examina a importância da diversidade cultural e do diálogo intercultural, na construção de alternativas aos processos de dominação e produção capitalista, apresentando estratégias para o desenvolvimento sustentável, no exercício das liberdades e dos direitos humanos, e no fortalecimento da coesão social e da boa governança.

A diversidade cultural é, antes de mais nada, um fato: existe uma grande variedade de culturas que é possível distinguir rapidamente a partir de observações etnográficas, mesmo se os contornos que delimitam uma determinada cultura se revelem mais difíceis de identificar do que, à primeira vista, poderia parecer. A consciência dessa diversidade parece até estar sendo banalizada, graças à globalização dos intercâmbios e à maior receptividade mútua das sociedades. Apesar dessa maior tomada de consciência não garantir de modo algum a preservação da diversidade cultural, contribuiu para que o tema obtivesse maior notoriedade. (UNESCO, 2009, p. 3.)

O diálogo tem o poder de romper com barreiras e estereótipos que geram intolerância no que diz respeito às diferenças culturais. Diferenças que podem levar a buscas comuns, uma vez que há componentes e códigos culturais presentes em todas as culturas. O reconhecimento desses códigos e a interação entre os povos fortalecem a unidade e integração dos mesmos. É importante ressaltar que, esse raciocínio não visa à anulação das características culturais próprias de um povo, mas sim o respeito e reconhecimento das mesmas.

Nesse sentido, o movimento que ocorre no Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros, tornou-se objeto de pesquisa e ferramenta para reflexão da situação das classes subalternas dentro da academia. Salientando a importância do diálogo intercultural no espaço. De acordo com as resoluções do relatório, encontros com esse caráter propiciam o

enriquecimento mútuo, ajudam a romper barreiras através da comunhão das práticas, das trocas e do engajamento.

O relatório afirma ainda que investir no diálogo intercultural contribui para a renovação das políticas de desenvolvimento, governança democrática, desenvolvimento sustentável e de paz, a partir da interação e respeito à diversidade e direitos humanos. Com isso, vamos ver a seguir a relação das classes subalternas com a cultura de massa e sua importância na revitalização e manutenção dos povos tradicionais.

2 AS CLASSES SUBALTERNAS E A INTERCULTURALIDADE NO CONTEXTO DO ENCONTRO

A expansão do capitalismo provocou a internacionalização da economia, política e cultura mundiais. Esse processo de integração mundial se fortalece com o avanço tecnológico e surge o conceito de globalização, como um fenômeno da evolução tecnológica que permite a circulação de informações com velocidade no mundo.

Assim, o processo de globalização permeia as relações e maneiras de agir das pessoas, promovendo a homogeneização do pensamento, que por vezes anula as diferenças e alimenta cada vez mais o consumo, o pensamento hegemônico e a cultura de massa. Dentro dessa sociedade, o individualismo, consumismo e os padrões estéticos e sociais são enfatizados para distanciarem o indivíduo de suas reais necessidades e de sua identidade. Dessa forma, se fazem necessários espaços para o questionamento coletivo, para o diálogo e fortalecimento das classes subalternas. Para tanto é preciso que editais contemplem projetos desse caráter e que as questões levantadas acerca da proteção territorial/cultural sejam articuladas pelos grupos participantes, num exercício contínuo de resistência, manutenção de tradições populares e transformação dos indivíduos.

Contudo, há alternativas para driblar tal processo desumano e por sua vez mercadológico. É necessário uma reapropriação das culturas tradicionais, despertar para a situação da América Latina e compreender as culturas subalternas dentro de um diálogo intercultural que vai para além do multiculturalismo.

Assim, se faz importante compreender a diferenciação entre multiculturalismo e interculturalidade para melhor assimilação do contexto do trabalho em questão. O multiculturalismo é um termo que surge no Canadá na década de 1970 para caracterizar a política de tolerância cultural, ou seja, a aceitação da presença de diversas culturas num mesmo espaço, tendo como base o princípio da tolerância. A tolerância multicultural se limita na lógica do mercado, se fala sobre a aceitação da diferença, mas na prática se alimenta a homogeneização das culturas, não levando a uma real política na sociedade. A interculturalidade surge em contraposição a essa lógica para preencher o vazio deixado pelo

multiculturalismo, com uma proposta voltada para a autonomia, para o diálogo, articulação, intercâmbio e interação cultural, dando assim voz aos diversos grupos culturais.

(...) A interculturalidade, diferentemente da multiculturalidade não é simplesmente duas culturas que se mesclam ou que se integram. A interculturalidade alude a um tipo de sociedade em que as comunidades étnicas, os grupos sociais se reconhecem em suas diferenças e buscam uma mútua compreensão e valorização. O prefixo “inter” expressaria uma interação positiva que concretamente se expressa na busca da supressão das barreiras entre os povos, as comunidades étnicas e os grupos humanos (ASTRAIN, 2003, p. 327)

Desta forma, a interculturalidade se mostra mais coerente e favorável às classes subalternas, por ser mais dinâmica e promover um real diálogo e entendimento mútuo entre os povos na sociedade.

O sociólogo Nestor Garcia Canclini, em seu livro *Cultura Transnacional y Culturas Populares*, faz uma explanação aprofundada acerca do imperialismo na América Latina e resistência dos movimentos periféricos e/ou culturas populares.

Nazareth Ferreira, em sua síntese da leitura de Canclini, a cotidianidade das classes subalternas é um território para a pesquisa em comunicação, por ser espaço de produção material e imaterial simbólica. Ferreira destaca as festas populares como exemplo de objeto científico a ser estudado. As festas são muito presentes dentro da nossa sociedade, a investigação e promoção das mesmas colaboram para a afirmação de identidades culturais e para o exercício da cidadania, em virtude da riqueza de significados contidas nelas. (CANCLINI, 1998)

Para tanto, é preciso compreender mais a fundo o conceito de classe subalterna.

Com base no pensamento de Gramsci, que por sua vez compreende cultura como um processo que conserva-se e renova-se permanentemente, ampliando a posição do sujeito, para além de receptor de cultura, mas sim de participante de todo o universo social, as classes subalternas são definidas como classes exploradas que se opõe a classes hegemônicas, uma vez que estão dentro de um cenário de confrontação, que segundo Nazareth, “transcende a determinação econômica pelo lugar que a classe ocupa na estrutura produtiva.”

Sempre que o sujeito social (o povo) se define por oposição às classes hegemônicas, a cultura se define pela mesma oposição àquilo que é oficial (pertencentes à elite dominante), caracterizando-se como subalterna. (própria das classes subalternas). Assim, popular e subalterno operam como sinônimo. (GRAMSCI, 2001, p.8)

A partir de tais definições, o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é idealizado num contexto de resistência ao processo de globalização e por vezes de colonização mencionado anteriormente, visto que seus protagonistas caracterizam-se como classes subalternas por expressarem e preservarem suas manifestações a memórias negra, indígena, ancestral, celebrando e dialogando com órgãos públicos na busca de soluções para as dificuldades que esses povos enfrentam. No caso das etnias indígenas presentes, a questão do território é talvez a principal dentro das discussões. A relação com o meio ambiente está diretamente relacionada ao modo de viver dessas pessoas.

Para Gramsci, o popular subalterno seria então aquela produção cultural que apresenta uma concepção particular do mundo e da vida, refletindo o caráter coletivo dos processos, manifestações e bens do próprio povo. (GRAMSCI, 2001, p.8)

Portanto, a retomada das culturas subalternas dentro do cenário da globalização se torna fundamental pela sua capacidade e potencial de fortalecimento de identidades e manutenção de tradições dentro do processo contínuo de cultura comentado anteriormente. Como explicitado, a relação com o território está diretamente ligada à maneira como as pessoas vivem e exercem suas práticas culturais. Desta forma, se faz necessário compreender melhor como esse processo ocorre e reverbera dentro dos novos movimentos sociais.

3 O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Diante dos conceitos já apresentados, o Encontro de Culturas, enquanto espaço de discussão, tem um papel relevante na descolonização da América Latina e resgate das tradições culturais. É possível observar sua importância no que tange às políticas públicas, à descentralização do poder, e à promoção de discussões acerca da territorialidade e do diálogo horizontal, que por vezes se contrapõe ao modelo centralizador do poder de decisão presente na sociedade. As discussões que permeiam o Encontro colocam questões em debate coletivo em busca de mudanças efetivas e sugere alternativas ao modelo convencional e hegemônico de se pensar e fazer cultura.

Tais questões vêm sendo tratadas por pensadores e sociólogos contemporâneos, como é o caso da socióloga argentina Maristella Svampa, em seu ensaio sobre os movimentos sociais e cenário político na América Latina.

Sin embargo, los movimientos sociales han revelado ser algo más que una respuesta meramente defensiva, frente los cambios en correlación de fuerzas sociales y las fuertes transformaciones de sus condiciones, los movimientos sociales latinoamericanos han venido desarrollando una dimensión más proactiva, que abre la posibilidad de pensar nuevas alternativas emancipatorias a partir de la defensa y promoción de la vida y la diversidad. (SVAMPA, 2007, p.2)

Em outras palavras, os movimentos sociais dos anos noventa para cá vêm se configurando como movimentos territoriais, pois o território é um espaço de resistência, onde se reúnem comunidades e grupos, pela promoção e proteção a diversidade cultural e ambiental por meio da coletividade e engajamento.

É preciso investigar como se dão esses movimentos, o que os provocam, quem são seus participantes, como se organizam. Justamente por isso, o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros é posto como objeto de pesquisa. Tem-se aqui a necessidade de analisar as características dos movimentos sociais emergentes e refletir acerca

do Encontro e de seu potencial de diálogo acerca de questões similares de tais movimentos e na proteção do patrimônio imaterial cultural presentes na região da Chapada dos Veadeiros.

Em artigo produzido por Raúl Zibechi em 2003, os movimentos sociais latinoamericanos também transitam por novos rumos em resposta ao terremoto social provocado pelo neoliberalismo. Entre eles, três correntes confirmam o quadro ético e cultural dos grandes movimentos: as comunidades vinculadas a teologia e a libertação, a insurreição indígena portadora de uma cosmovisão distinta da ocidental e o guevarismo inspirador da militância revolucionária. Tais correntes de pensamento e ação favorecem uma rica mestiçagem, que é uma das características dos movimentos latinoamericanos.

Até o fim da década de 1970 outras linhas de ação foram ganhando força. A questão da territorialidade é uma característica comum de boa parte desses movimentos, em resposta aos modos de dominação neoliberal. É o caminho percorrido pelos sem terra e indígenas.

A segunda característica comum é a busca por autonomia, tanto dos Estados, quanto dos partidos políticos. Até meio século atrás os índios viviam somente em fazendas, dependendo dos patrões e Estado. Agora trabalham por autonomia material e simbólica.

Uma terceira característica: trabalham pela valorização da cultura e afirmação da identidade de seus povos.

A quarta característica é a capacidade de formar seus próprios intelectuais. O acesso à formação escolar e universitária colaboram para o fortalecimento da organização desses grupos, através de critérios pedagógicos próprios.

O novo papel das mulheres é a quinta característica em comum. Os cargos são disputados e as mulheres ocupam papéis decisivos no que tange o cultivo da terra, vendas, educação e empreendimentos produtivos.

A sexta característica corresponde à preocupação da organização do trabalho e a relação com a natureza.

Tienden a visualizar la tierra, las fábricas y los asentamientos como espacios em los que producir sin patrones ni capataces, donde promover relaciones igualitárias y horizontales con escasa división del trabajo, asentadas por lo tanto em nuevas relaciones técnicas de producción que no generen alienación ni sean depredadoras del ambiente. (ZIBECHI, 200, p. 187)

A questão territorial é a mais importante dos movimentos latinoamericanos, por possibilitar uma nova organização do espaço geográfico, e conseqüentemente promover novas práticas e relações sociais.

La tierra no se considera solo como um médio de producción, superando uma concepción estrechamente economicista. El territorio es ele espacio em el que se construye colectivamente uma nueva organización social, donde los nuevos sujetos se instituyen, instituyendo sy espacio, apropiándose material y simbólicamente. (ZIBECHI, 2003, 187)

A terra é vista de outra perspectiva por esses movimentos, não é explorada para garantir a manutenção do sistema de produção capitalista. É espaço de convivência mútua, de produção simbólica, é respeitada e cuidada.

O homem contemporâneo vê a natureza simplesmente como fonte de energia, de trabalho, extração de alimento e água para a sua sobrevivência, esquecendo que ele faz parte da natureza e que esse processo pelo qual ele sobrevive acontece de forma violenta e em função do acúmulo de renda. Temos o desmatamento, o confinamento de animais, o uso de agrotóxicos para a produção agrícola e a poluição das águas, como exemplo. Hoje podemos ver a que ponto chegou essa situação através da luta dos movimentos sociais e ambientalistas pela urgência em realizar políticas sustentáveis.

O Encontro de Culturas surge também como possibilidade de reflexão no que diz respeito ao território, ao espaço. A região da Chapada dos Veadeiros era explorada somente pelo turismo, e com a chegada do Encontro o local é vista por outros ângulos. Há uma

infinidade de grupos na região, e na própria Vila de São Jorge existem movimentos de moradores locais que, por meio da arte, expressam a importância da valorização e preservação da Chapada. É o caso do Projeto Turma que Faz, idealizado pela artista Doroty Marques, que reúne e prepara crianças e adolescentes do povoado ao longo do ano para se apresentarem no Encontro de Culturas, que ocorre em Julho. A proposta de Doroty é baseada no desenvolvimento humano por meio de experiências significativas que promovam autoestima, comunicação e expressão, convivência familiar e comunitária, reconhecimento do contexto em que vivem e consciência ecológica e patrimonial. Sua proposta está alinhada ao contexto do Encontro, bem como ao contexto dos movimentos sociais no que tange à territorialidade e preservação do espaço e trocas de experiências. Além do trabalho de Doroty, há a presença da aldeia multiétnica todos os anos, que visa o fortalecimento dos debates acerca de políticas públicas para os povos indígenas em áreas como saúde, educação e sustentabilidade.

A cada ano as pessoas presentes compartilham, se conectam, trocam saberes, congregam suas artes e manifestam seus anseios dentro de uma diversidade cultural de forma integrada, visando objetivos comuns e unindo esforços para que a realização do encontro seja possível, e para que dali surjam propostas que promovam a continuidade e manutenção dos povos tradicionais.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa seguiu os princípios da Filosofia da Práxis:

A teoria do conhecimento (ou filosofia da práxis ou dialética) continua a desempenhar uma função insubstituível, particularmente hoje, em um mundo dominado por uma ordem econômico-político-cultural que, embora decante as conquistas científicas, a diferença e o pluralismo, esterilizam concepções alternativas, reprime aspirações populares, sufoca os conflitos e dissimulam as contradições, tudo harmonizado, adaptado, conjugado e subordinado a um pensamento único e naturalizado. (SEMERARO, 2000: p. 36)

Como estratégia metodológica, optou-se pela pesquisa participante, e para compor a pesquisa participante foram realizadas entrevistas semiestruturadas, análise do material de comunicação e material audiovisual do Encontro.

A pesquisa de campo foi realizada de 23 a 29 de julho de 2014, durante o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, na Vila de São Jorge - GO.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, entre os personagens entrevistados estão: lideranças indígenas, um descendente Kalunga, mestres da cultura tradicional, uma pesquisadora da EMBRAPA, indigenistas e pessoas ligadas à organização do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros.

Essas pessoas foram escolhidas com o intuito de darem um panorama da importância do Encontro para os povos indígenas e grupos tradicionais da cultura popular, bem como entender seu potencial político e cultural e quais são os resultados de todo o movimento que ocorre durante o Encontro.

Para tanto, foi realizada uma vivência durante três dias na Aldeia Multiétnica e outra parte no povoado, local onde ocorrem as apresentações de palco dos grupos tradicionais e artistas da região.

A vivência na Aldeia Multiétnica possibilitou uma proximidade com o cotidiano dos povos indígenas, promoveu o diálogo com alguns dos visitantes e pessoas ligadas a organização do Encontro, o que trouxe a oportunidade de trocar experiências, colher informações, fazer reflexões e apresentar as observações que seguem.

4 O ENCONTRO DE CULTURAS E SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS

Em 2000, o Decreto 3551 da UNESCO, instituiu o registro dos bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro. Segundo o IPHAN, o decreto rege o processo de reconhecimento de bens culturais como patrimônio imaterial, institui o registro e, com ele, o compromisso do Estado em inventariar, documentar, produzir conhecimento e apoiar a dinâmica dessas práticas socioculturais.

O registro é, antes de tudo, uma forma de reconhecimento e busca a valorização desses bens, sendo visto mesmo como um instrumento legal. Registram-se saberes e celebrações, rituais e formas de expressão e os espaços onde essas práticas se desenvolvem. (IPHAN, 2006, p. 22)

Em 2001, Juliano Basso, cientista social e morador da Vila de São Jorge, Chapada dos Veadeiros - Goiás, vê nesse decreto a oportunidade de realizar um Encontro de Culturas para ressaltar, difundir e fortalecer a riqueza do patrimônio imaterial da região da Chapada dos Veadeiros. Que, segundo ele em entrevista, era um lugar frágil, explorado pelo turismo e que, em virtude do pensamento ainda colonizador, não tinha uma notoriedade nesse aspecto.

A partir de pesquisas das manifestações das cidades ao redor, em 2001 foi criado e realizado o primeiro Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e, desde então, Basso coordena o Encontro, que vem reunindo ano a ano grupos tradicionais da região, comunidades indígenas e convidados de outras partes do Brasil e do mundo. "Vamos criar um encontro para essas pessoas se conhecerem, pois estão todas aqui, vamos reunir elas".¹

Grupos que, além de representarem parte da resistência negra e indígena do país, como Caçada da Rainha, Catira, Tambores de Crioula, Cavalo Marinho, Congada, Terno de Moçambique, aldeias Krahô, Fulni-ô, Guarani, Dessana, Xavante, Yawanawá, Kariri-Xocó,

¹ Fala do pesquisador em entrevista gravada no dia 30 de maio de 2010, no estúdio Cine & Vídeo, em São Paulo.

expressam e congregam suas práticas, fé, costumes, mantendo vivas suas raízes, transmitindo seus saberes a outras gerações, legitimando e fortalecendo a diversidade cultural do Brasil.

O Encontro de Culturas funciona também como um mediador para políticas públicas, segundo Basso em entrevista. Para ele os procedimentos exigidos pelos editais e todas as burocracias inerentes a eles, que foram criadas para evitar o desvio de recursos públicos, na verdade apenas contribuem para o não acesso às comunidades, aos mestres e aos grupos tradicionais. Esses procedimentos tornam-se complicadores ao invés de facilitadores, acabam por dificultar as inscrições e aprovações. Justamente por isso, Juliano busca apoio do Ministério da Cultura, pois o caminho é mais simples e viável. “Hoje, a única maneira são os prêmios, o prêmio que é feito pelo Ministério da Cultura, que funciona muito bem. Mas só tem isso - e olha que o governo é muito grande, tem muitas coisas. Então eu acho que sem um mediador, sem uma pessoa que... (eu acho que dentro disso vai muito de uma ética de uma pessoa e de uma escolha também pelas pessoas da comunidade e de confiança naquela pessoa). E essa minha visita a esses lugares é superimportante para fazer essa ponte.”

Tal intermediação é fundamental para ampliar o Encontro, o discurso e dar cada vez mais subsídio, visibilidade e apoio aos grupos marginalizados por esse tipo de sistema.

Após o sétimo ano de Encontro, uma aldeia com etnias indígenas de diversas partes do país, denominada “Aldeia Multiétnica”, passou a integrar o evento. A participação indígena no encontro já existia, mas viu-se a necessidade de ampliar o espaço para aproximar as comunidades de seus habitats naturais, então, criou-se a Aldeia, localizada nas proximidades do povoado. A aldeia é uma extensão do Encontro, etnias de todo o Brasil são convidadas e se instalam no local durante todo o período em que o mesmo acontece.

A Aldeia é também um local para o diálogo, para compartilhar experiências e conhecimento, para difundir práticas e costumes, somando forças e estratégias de ação conjunta para as comunidades presentes.

Segundo Juliano, ainda temos uma visão folclórica do índio. É importante que eles se aproximem da sociedade e vice e versa.

Os principais problemas enfrentados hoje pelos povos indígenas envolvem conflitos por terra, que conseqüentemente violam suas crenças, cultura, religião. Para o índio a relação com a terra não é econômica como para o homem branco. É uma questão vital. Os casos de homicídios vistos nos últimos tempos apenas reforçam a ausência de políticas e atenção a essa situação. É alarmante, sem mencionar a degradação ambiental.

A partir dos dados levantados, foi possível notar a importância desse Encontro na manutenção, preservação, reconhecimento e continuidade das práticas culturais tradicionais. Principalmente pelo seu caráter agregador e acolhedor, que promove diálogos entre indígenas, mestres, brincantes, quilombolas, pesquisadores, poder público e comunidade, sobre cultura, meio-ambiente e assuntos relacionados às questões sócio-culturais brasileiras, num movimento de aprendizado, interação, convivência e pertencimento.

4.1 O Encontro de Culturas Tradicionais e sua importância como festa popular

Durante o mês de julho, o Encontro de Culturas reúne uma infinidade de grupos da região e de outras partes do Brasil na Vila de São Jorge – Chapada dos Veadeiros - GO.

Para que o evento aconteça, o organizador e mentor do Encontro passa meses antes buscando apoio financeiro por meio da inscrição do projeto em editais públicos ou via patrocínio privado. Infelizmente o processo é muito moroso e o resultado leva tempo para sair, o que por sua vez interfere no planejamento do projeto, pois a organização e seleção dos grupos e artistas dependem do edital, ou seja, há pouco tempo hábil dentro do cronograma para que essa e outras etapas se realizem. Para o ano de 2014, justamente pelo lento processo de aquisição de verba para realização do evento, a organização buscou pela primeira vez apoio de financiamento coletivo para conseguir custear as despesas de parte do Encontro, mais especificamente, as despesas com transporte e alimentação dos povos indígenas que se deslocam de suas aldeias para chegarem até o povoado de São Jorge. Infelizmente a meta não foi atingida e o projeto não foi contemplado, mas a busca por autonomia financeira de qualquer forma foi um passo importante na trajetória do Encontro. Segundo os organizadores, no próximo ano tentarão novamente, pois não querem depender do apoio apenas de editais e patrocínios.

Os financiamentos coletivos hoje são uma alternativa para driblar a ausência de políticas públicas e apoio governamental na área cultural/artística e conseguir captar recursos para a realização de projetos. No entanto, é necessário destacar que é de suma importância o reconhecimento e contemplação do projeto dentro de um edital, é fundamental que tanto este quanto outros projetos que visam à cultura popular e os movimentos periféricos, tenham lugar dentro do orçamento e calendário de atividades culturais do país.

O pensamento colonizador e a concepção ainda elitista do pensar e fazer cultural, mencionadas no depoimento de Juliano Basso anteriormente, é que permeiam esse processo. Por isso sua insistência em valorizar o patrimônio imaterial local e discutir a inclusão e problemas enfrentados hoje por esses povos durante o encontro, além de todo o festejo, danças, cores e ritmos presentes na agenda.

Em depoimento concedido para um documentário sobre o Encontro “Cada terra tem um uso. Cada roda tem um fuso”, o violeiro, cantor e compositor Décio Marques expressa suas impressões da experiência vivida na Vila de São Jorge durante os festejos: “E todas essas comunidades que se apresentam aqui, de toda essa região aqui, eles ensinam uma coisa bonita, você amar a sua própria fonte, você gostar de si. É uma possibilidade incrível, especial de se apresentar, não como uma relíquia folclórica, mas como ser humano”.

Décio exprime o que Juliano objetiva, a valorização desses povos como seres humanos e integrantes da identidade cultural coletiva, criadores, detentores de tradições, crenças, expressões próprias. O Encontro eleva a autoestima dos moradores e de todos os grupos presentes, e trás também a possibilidades de reconhecimento de si através do outro, de pertencimento aos visitantes presentes.

É um momento de celebração, de festa, de confraternização das manifestações presentes, como já mencionado: Caçada da Rainha, Sussa, Congada, Catira, Maracatu, dentre outras.

“A alegria de encontrar as vez com os amigos, a época do festejo é quando a gente encontra alguém que há muito tempo não encontra. A fé emana tudo”. Depoimento do senhor Gregório para o documentário (Nossa senhora da Abadia).

A fé está sempre presente nas falas, na atmosfera do evento, nas manifestações, nos olhares das pessoas. É elemento comum dessas manifestações, carregam um conteúdo religioso e sincrético muito forte em sua essência.

Maria Nazareth (2006), em seu artigo sobre festas populares, ressalta a importância das festas como acontecimento que une cidadania, conscientização e participação social, porque “um dos elementos mais significativos do processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento”.

É possível analisar o Encontro por esse olhar, pelo seu caráter agregador, social, inclusivo e de busca pela autonomia e valorização do outro. Os povos presentes compartilham sua própria história, cada um a seu tempo e a sua maneira reproduzindo com orgulho seus costumes, símbolos, fé e festejos.

“Dizem que a fé cura, né? E essa fé a gente tem muito em Deus, a gente é muito ligado a Deus, tem muitas coisas que a gente sabe e não pode contar, a gente vê, a gente sabe, tem certeza disso”. - Depoimento do senhor José Souza Brito.

Em outro depoimento, é interessante notar a presença da religiosidade, da fé, daquilo que se crê, se sente e que não se pode compreender racionalmente, mas que tem um potencial catártico para quem está vivenciando ao resgatar memórias longínquas. Nazareth explica que as festas tiram o indivíduo da realidade banal do cotidiano, para mergulhá-lo num momento mágico.

É também o momento do sagrado e do caos primordial. Essa evasão é provocada pelas técnicas que constituem a parte essencial da instituição festiva: o riso, o jogo, a dança, a música, a alegria, o descontrole orgástico, o dramático, etc. De outro lado, o clima festivo abre uma possibilidade psicológica e fornece carga de energia psíquica que permite o indivíduo enfrentar com vigor e independência criativa as batalhas do cotidiano. (NAZARETH, 2006, p.114)

Tais apontamentos demonstram a relevância dessas celebrações no resgate da identidade diante do processo de globalização e massificação da cultura. Poder romper com uma realidade, por vezes opressora, que tende a desconectar o indivíduo de si mesmo, é uma possibilidade valiosa de reencontro e transformação social. Nesse sentido, cabe até elucidar

mais uma vez que o diálogo e as trocas proporcionadas pelo encontro estão dentro do contexto da interculturalidade, da mistura e convivência e respeito mútuo.

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Essa ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado. (NAZARETH, 2006, p.113)

No contexto do Encontro, o equilíbrio ameaçado não é somente humano e cultural, mas também ecológico no que tange ao território da Chapada e à manutenção dos territórios indígenas. Tudo está interligado e cada participação dentro do encontro tem sua importância e o comprometimento com a continuidade e renovação das tradições, com a preservação da natureza.

Doroty Marques, chave fundamental do Encontro, coloca em seu depoimento um pouco desse pensamento e do trabalho realizado com a comunidade da região:

“A arte pra mim é nada mais que um caminho para mostrar pra você que você existe, que você pode, que você é importante, que você sabe, que você consegue. Depois, se você não quiser mais mexer com aquilo, mas eu já consegui te mostrar que você é um ser vivo, que você merece amor, merece espaço. São Jorge só vai sobreviver de cultura e ecologia”.

O trabalho realizado por Doroty, bem como as discussões realizadas ao longo do encontro e as apresentações dos grupos tradicionais, reforça ainda mais a preocupação com o território, com a preservação do espaço para as práticas culturais e como espaço vital para a existência. O espaço promove a comunicação, o diálogo intercultural, a comunhão das práticas, a articulação entre os diversos grupos em busca de alternativas ao modelo atual de políticas públicas, sociais e culturais e a valorização do território da Chapada dos Veadeiros para além do turismo.

Durante a vivência na Aldeia foi possível observar também a forte presença e representação da comunidade Kalunga no espaço. São eles os responsáveis pela comida que alimenta os povos indígenas e os convidados presentes. Nota-se a satisfação em estarem presentes e interagindo com os índios e não índios. Todos os anos, cuidam da cozinha e

também de uma cantina que foi construída para comercializarem suas comidas típicas. Uma maneira de difundirem sua cultura e obterem recursos. E pela primeira, o espaço acolheu apresentações da comunidade Kalunga, como o Império Kalunga, procissão da comunidade e a Dança Sussa, ambas advindas do quilombo.

Outro dado importante que reforça o tema da interculturalidade é o reconhecimento da Tribo do Arco-Íris na aldeia pela primeira vez. A tribo vinha participando há seis anos, no entanto, não era uma participação oficial. Mas através da dedicação na aldeia nos anos anteriores, da preservação do espaço, de praticas sustentáveis e ligação com a natureza, tanto organizadores como as próprias etnias presentes, passaram a integrar a Tribo, legitimando a multietnicidade da aldeia. “Somos uma família, a união de todas as raças e de todas as cores. Estamos aqui para aprender a conviver em harmonia e alegria”, conta Mãe da Lua, integrante da tribo. A tribo é formada por não indígenas de todas as idades e crenças. Segundo Mãe da Lua, a tribo foi profetizada há anos, pelos índios norte-americanos Cherokee. Que conta que surgiria uma tribo formada por guerreiros encarnados por homens brancos e negros, que dançariam em torno da fogueira e voltariam ao contato com a mãe terra.

Outro dado curioso colhido durante o trabalho de campo foi o de que a Construção da Aldeia, ou seja, a limpeza do espaço, o levantamento das estruturas necessárias, da oca, teve como principal apoio a mão de obra de um Kalunga: Sr. Otávio, que contou inclusive que cultivava verduras, frutas e legumes no local, que em outro momento serve de alimentação para os índios. Hoje ele mora e faz a manutenção do espaço permanentemente.

“Eu vivia no Kalunga, mas hoje tomo de conta da Aldeia Multiétnica. Isso aqui eu acompanho desde mulequinho, desde mulequinho de 18 anos que eu tava na época. Aí eu vim construir a oca aqui, abri, fui eu que rocei sozinho, tive uma semana aqui, abrindo a oca, armei minha barraca ali, debaixo daqueles pé de manga lá e aí eu voltei, arrumei as coisas, subi a ladeira aqui, fui em São Jorge. “Juliano (nessa época nós nem era cumpadre ainda), já terminei lá já, qué da uma olhada lá? Aí nós veio na mema hora. E ele falou: o que quê nós vamo fazê agora? Falei: uai, agora num roçou? Num vai construir a oca? Vamos! Uai, então nós vamos começar a fazer umas casa, num é? E onde nós vamo arrumá a paia? E eu disse, essa paia e madeira é no Kalunga, então nós vamo no kalunga”, concluiu Otávio.

A troca e a interculturalidade, o respeito mutuo, principalmente pelos mais velhos, estão presentes em todos os âmbitos do Encontro, mostrando que o diálogo entre as culturas, promove o fortalecimento, enriquecimento e continuidade das mesmas.

5. LEITURA DE CAMPO: O DIÁLOGO INTERCULTURAL NO TERRITÓRIO DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Os elementos aqui apresentados são frutos do trabalho de campo realizado durante o XIV Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros. Dentre eles, foi possível notar e comprovar a importância do Encontro como espaço de discussão, no que tange às questões de território, diversidade, interculturalidade e práticas culturais, demonstrando a proximidade entre cultura e natureza por meio de uma cosmovisão de mundo. A constante busca por autonomia em todos os âmbitos do Encontro e a importância das trocas de experiências, conhecimentos e práticas no fortalecimento dos povos e suas tradições.

Em suma, a realização do Encontro de Culturas Tradicionais aconteceu praticamente sem patrocínio, contando com trabalho voluntário da comunidade, contribuição dos participantes que visitaram a aldeia. Tais iniciativas apontam também para um envolvimento coletivo e engajamento por parte dos moradores e visitantes. Além da importância cultural para os povos e para a região, o Encontro e o turismo que ele atrai, movimentam a economia local mais do que o turismo do ano todo. O SEBRAE organiza uma feira durante o encontro com microempreendedores para que tenham a oportunidade de comercializarem seus artesanatos durante o encontro em uma praça no povoado. Na feira, há também um espaço exclusivo para exposição dos artesanatos da Aldeia Multiétnica. Assim, o encontro fomenta a "economia criativa", que permite aos participantes obterem renda mediante a troca e a venda de artesanato.

Em entrevista com Juliano Basso, idealizador e produtor do Encontro, ele se refere à importância das trocas, da economia criativa e da interculturalidade. A Interculturalidade foi o tema central do encontro de 2014, e, segundo ele, o Brasil é um monte de cultura tentando formar uma nação. “A gente tem aí povos indígenas, povos quilombolas, outros povos tradicionais e uma população que ainda domina economicamente muito baseada na exploração da terra e no agronegócio. Então a gente tenta contradizer dizendo que a gente pode, através da nossa economia da cultura, da criatividade, das diferenças, encontrar uma igualdade melhor econômica também pra buscar alternativas diferentes. Mostrando um pouco quem nós somos, nos entendendo melhor e não só olhando pra fora e pro próprio umbigo, mas

olhar pra aqui, pra dentro da terra, pensar nos povos, como você está vendo aqui essa festa assim bonita, olha a mistura, aí tem de tudo, negros e brancos, indígenas, todos misturados, é esse que é o Brasil, né?! É a cara do Brasil.”

A união da diversidade dos povos no espaço, ao se apresentarem, mostrarem seus ritos, danças, costumes, dialogarem com outras etnias e não indígenas e o empenho em pensar e fazer cultura de forma diferente, buscando alternativas, coloca o encontro numa outra esfera de discussão e reflexão, que transcende o formato hegemônico das políticas culturais no Brasil e os formatos tradicionais de se produzir eventos.

O levantamento de recursos para a realização do encontro deste ano foi muito difícil, o que levou a organização a buscar outros modelos, como o financiamento coletivo e busca por apoio voluntário da comunidade. Segundo Juliano, o projeto foi inscrito em 22 editais, no entanto, foi contemplado somente por um deles, que não atingiu a demanda financeira necessário para a realização do evento. Nem por isso o mesmo deixou de acontecer. O financiamento coletivo não atingiu o orçamento necessário, mas houve apoio do SEBRAI, FUNAI, Petrobras, e além disso, foi pedida uma contribuição aos visitantes da aldeia para custear as despesas com alimentação e locomoção das etnias presentes. Através dessas iniciativas, observou-se uma busca por autonomia, por alternativas criativas que de fato pudessem contribuir para a realização do encontro sem depender estritamente de patrocínio de empresas e recursos públicos.

“O Encontro em si está buscando agora sobreviver de uma forma diferente. Os povos indígenas precisam de melhores políticas públicas relacionadas à saúde, educação, a pensar os território de uma forma melhor, isso aí é supernecessário para que tenham vida com qualidade. Estamos tentando que as pessoas colaborem que tenham colaboração coletiva, que a gente possa, durante o ano, realizar atividades onde as pessoas contribuam, que seja um movimento social livre de influência de quem esteja no governo e sim autônomo por si só”, diz Juliano Basso.

Essa autonomia vem sendo conquistada em termos de cultura, território e políticas culturais e sociais. Juliano falou também sobre os aprendizados proporcionados pelos índios e sobre a ligação que os índios têm com a terra, com o território.

“Acho que é essa lição muito da simplicidade, que a terra é quem nos abriga, e que se a gente não cuidar dela, tá perdendo esse abrigo especial que quando a gente nasce à gente tem, está deixando pior do que a gente encontrou. Nasce deixando para os nossos filhos, isso não é legal. Os povos indígenas nos ensinam a respeitar a natureza como nossa mãe, nossa morada, nós temos que respeitar ela, essa é a mensagem simples dos povos indígenas, respeitar os rios, as florestas, aprender a conviver melhor com a terra também.”

Justamente por isso, o encontro propõe uma vivência real com a natureza, o que para Juliano, proporciona essa abertura, troca de experiências. Cultura e natureza estão interligadas e fazem parte da proposta do encontro.

Nesse sentido, foi interessante atentar para a participação da EMBRAPA no encontro, pois tal participação fortaleceu ainda mais essa ideia e a ligação que os povos indígenas têm com a terra. A EMBRAPA participa do encontro a muitos anos, realizando rodas de diálogos sobre a valorização das sementes, da tradição e alimentação e a respeito da importância da preservação na manutenção dos povos indígenas e fortalecimento cultural dos mesmos. Em entrevista com Teresinha, pesquisadora da instituição, ela acrescenta:

“A nossa participação nesse evento, nesse grande encontro, está ajudando a promover a conservação local, porque as rodas de prosa promovem uma reflexão coletiva, uma sensibilização de agricultores, de jovens, de estudantes, para uma problemática mundial que está acontecendo, que é a uniformização da alimentação e a uniformização dos cultivos, então a gente promove essa reflexão, mostrando que existem movimentos que valorizam as sementes tradicionais. A gente tem muito a agradecer aos organizadores desse evento porque nos abraçaram, né? E através dessas rodas a gente acredita que está plantando uma semente.”

A contribuição da EMBRAPA tem sido muito positiva e já mostra resultados. Teresinha relatou o caso do Trigo Veadeiro, cujas sementes foram colhidas no banco da EMBRAPA por um agricultor da região e já foram plantadas.

“Hoje tem uma Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica e um plano que fala que os agricultores através de suas organizações podem procurar suas sementes que perderam ou estão escassas nos bancos da EMBRAPA, nós estamos abertos a isso e estávamos construindo os procedimentos”, conclui Teresinha.

Nota-se que há um movimento tentando contrapor o processo de uniformização não somente alimentar, mas cultural, um processo que advém de todo um pensamento mercadológico e dominador. Mais uma vez, o encontro apresenta características contra-hegemônicas e leva informações de suma importância para os indígenas e não indígenas presentes, demonstrando que natureza e cultura estão inter-relacionadas.

É importante salientar que a EMBRAPA também promove trocas de sementes durante o Encontro. Uma prática já realizada pelo povo Krahô. Os Krahôs realizam uma feira de troca de sementes em sua aldeia há 10 anos, com apoio técnico da EMBRAPA. E foi por meio da feira que a EMBRAPA recebeu o convite para participar da Aldeia Multiétnica.

As trocas de experiências, práticas, conhecimento, sementes, estão ajudando as etnias presentes a se fortalecerem. Foi um dos temas conversados com um dos entrevistados, Fernando Schiavini. Fernando é membro da FUNAI e, hoje, um dos principais indigenistas que lutam pelas causas indígenas no Brasil. Foi ele quem planejou a Aldeia, nomeou-a como Aldeia Multiétnica e realizou as mediações necessárias para garantir a presença das etnias no local, a convite de Juliano Basso.

“Eu também tinha minhas dúvidas, porque algumas etnias que a gente convidou eram inimigas ferrenhas no passado, tinham guerrilhado muito, tinham preconceitos umas com as outras, achavam que eram mais violentas, e essas coisas todas que às vezes as pessoas pensam das outras. E o preconceito do branco contra o indígena é conhecido, do indígena contra o branco tem também, contra o negro, negro contra o índio, os preconceitos são de todas as partes. E aí começou estabelecer aos poucos uma amizade, todo mundo dançando junto cantando junto, e isso aí tudo foi ficando pra trás, as pessoas foram ficando a vontade, foram fazendo amizade.”

Essa convivência entre os povos, o respeito, a disponibilidade em se aproximarem e se conhecerem e reconhecerem, trocaram, rompeu com preconceitos e criou laços de amizade entre as etnias. O Encontro é um reencontro, eles anseiam por estarem ali e sentem prazer em reverem seus parentes. Fernando salienta, inclusive, que hoje eles convidam uns aos outros para participarem de festas e reuniões em suas aldeias. E, para os não indígenas, é visível no semblante a satisfação em compartilhar todo esse movimento que ocorre na Aldeia Multiétnica.

“Todo brasileiro sente a vontade interior de ir à sua raiz, e os indígenas estão na sua raiz, e aqui é uma oportunidade de se ver, ver o outro como pessoa. E quebra essa distância. A gente vê muito as pessoas brincando com as crianças indígenas, crianças brancas brincando com crianças indígenas, então é uma integração. Passa a gerar opinião a favor da opinião pública”, conclui Fernando.

Durante o encontro, não indígenas se pintam, dançam, compram acessórios indígenas e artesanatos, se sentem realmente pertencentes ao lugar, despertam um sentimento que parecia estar adormecido. E esse movimento também alimenta a economia criativa na aldeia, pois a comercialização dos artesanatos gera renda para os povos indígenas, além de valorizarem a produção de produtos tradicionais imbuídos de significado.

Ele reitera ainda que, o intercâmbio entre as etnias enriqueceu as pinturas corporais, os trançados dos artesanatos, o que comprova que a cultura é dinâmica e toda essa junção tem fortalecido e contribuído efetivamente para o fortalecimento dos povos indígenas.

O líder Kayapó Isaac, confirma essa reflexão:

“Importante cada etnia que vem participar e vem pra trocar ideia e vem pra mostrar cultura de cada um de nós aqui.”

Outra importante liderança Kayapó em entrevista, também exprime sua visão do Encontro:

“Tem muita gente que fala que índio esqueceu sua cultura, não fala mais a língua deles, só português, assim que falaram, né? Então para não terminar isso e não esquecer de cultura, eu entrar em contato com Juliano (organizador do evento) e pensamos junto, o que nós pode fazê. Tem que trazer o povo para apresentar para quem não conhece cultura indígena. Para ver pessoalmente realidade e respeitar tradição e cultura que nós tem.”, completa Akiabouro.

Assim como Isaac e Akiaboro, outras pessoas também foram questionadas em entrevista acerca da importância do Encontro e os frutos que são gerados a partir dele. Como exposto inicialmente, parte da pesquisa foi realizada também para compreender a participação

das manifestações populares da tradição popular, sendo boa parte delas originárias do quilombo Kalunga, pertencente à região.

Para o descendente Kalunga Rogério Coelho, os festejos e as folias são importantes para a manutenção da continuidade das tradições, no entanto, ele apontou para uma dificuldade: as tradições são transmitidas de forma oral e estão fortemente ligadas com a religião, com a fé e com os ciclos de plantações, e os jovens tem valorizado muito mais culturas externas que a própria cultura, um processo causado pelo acesso a tecnologias e midiaticização, por isso, ele acha de suma importância à valorização das manifestações tradicionais.

“Eu acho que... é pelo que eu vejo aqui, é importante que eles vão ver não só a deles, mas de outros povos. A importância de mostrar, de preservar a identidade deles mesmos, né? Do pessoal que vem pra cá, pro encontro. Cada um tem uma identidade e mostrar o que eles também têm a deles e que é importante, né?”.

Um festejo que tem uma ligação forte com a religiosidade e que está ligado a história dos escravos é a Caçada da Rainha do município de Colinas do Sul - GO, que todos os anos se apresenta no Encontro de Culturas. Hoje é a maior festa tradicional da região. Em resumo, a origem da Caçada da Rainha, segundo Secretaria de Turismo do Município de Colinas do Sul, resultou do medo que a Princesa Isabel teve do pai, Pedro II, ao saber que ela havia assinado a Lei Áurea, libertando os escravos. Daí temendo a repreensão, assim que soube que o imperador estava vindo de Portugal para o Brasil, a princesa reuniu sua comitiva e, à cavalo, foi esconder-se na mata, até seu pai se acalmar. Assim que soube que a filha havia fugido, Pedro II preparou outra comitiva para procurar Isabel. A notícia correu a província e, ao saberem, os escravos resolveram preparar uma festa de agradecimento para recepcionar a princesa.

Em entrevista, o mestre José Nilo, também fala sobre a importância do Encontro para tal manifestação:

“Antes do Encontro aqui, a Caçada da Rainha tava muito fraca, muito pequenininha, aí o que aconteceu, quando a gente apresentou aqui, a gente ficou conhecido mundialmente, porque cê sabe que aqui vem todo mundo do mundo inteiro. E aí a Caçada da Rainha cresceu

com isso. Pra cê ter uma noção hoje, na nossa cidade nós temos 3500 habitantes, a festa nossa lá acontece com cinco, seis até sete mil pessoas, a maioria das pessoas cê nem conhece, são pessoas que estão aqui que passam pra outras e vão pra lá no dia da festa. Essa é a importância do Encontro pra nós, fortaleceu e muito o Encontro.”

Em entrevista com o líder da Etnia Funiô: Toé, a demarcação das terras foi enfatizada como o principal problema enfrentado por sua aldeia e ele expressa a importância do Encontro nesse sentido:

“É muito bom, né? Eu sei que não é nossa a terra aqui, mas onde o índio pisa se torna sagrado. Se eu quiser fazer qualquer casinha numa floresta o governo não pode me tirar, porque é sagrado, eu já estava aqui muito antes dele, eles não sabem disso.”

Tais relatos demonstram que, apesar de todo o processo de colonização pelo qual a América passou, apesar das dificuldades e obstáculos que os povos indígenas ainda enfrentam no que diz respeito à territorialidade, saúde, educação, assim como a ausência de políticas culturais que incorporem e dê subsídio às manifestações tradicionais, elas não deixam de existir e lutar para se manterem, para conquistarem seu espaço e darem continuidade aos festejos, crenças, artesanatos, ritos, fé, identidade. Sendo o Encontro de Culturas Tradicionais um impulsionador desse movimento, fazendo que com que se fortaleçam, enriqueçam e compartilhem suas dificuldades e desafios.

Para encerrar, um índio mexicano, Francisco, pertencente ao Pueblo Purepecha, de Michoacan, deixa seu depoimento ao Brasil. Ele pede que o povo brasileiro conheça a alma e o espírito do Brasil.

“O espírito do Brasil é indígena e africano, e aí tem mais, todas as demais diversidades, mas a alma africana e indígena são abertas e não fechadas, todos vocês tem muito que reconhecer e aprender com essa raiz, e vibrá-la e senti-la, vivê-la e compartilha-la com o resto do mundo, é muito lindo o Brasil. E está passando por um processo também de depredação muito forte. Nós já vivemos isso no México e seguimos vivendo, e será derramado muito sangue para proteger isso. Mas estamos mais conscientes, já temos mais formas de como participar, de como usar as ferramentas de comunicação que estão a nosso redor. Mas isso começa com nós mesmos, primeiro um e depois outro amigo, com nossos

irmãos, nossa família, nossas mães, mas não por imposição ou obrigação, senão por exemplo. Plantem árvores!”

O desejo de Francisco é o desejo de todos que estão presentes no Encontro. Nos olhares dos indígenas, quilombolas, grupos tradicionais, organizadores, nota-se o anseio pelo reconhecimento, o desejo de compartilharem suas práticas, suas festas, danças e rituais. As rodas de prosa e as reflexões promovidas por elas, apontam para uma constante necessidade de resistência desses grupos, suas lutas por terras, pela preservação de suas culturas e da natureza. Pode se concluir que a união entre os povos presentes promove o fortalecimento dos mesmos e demonstra que a convivência com as diferenças é possível e essencial para a realização do Encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, foi possível comprovar a hipótese investigativa apontada no presente artigo: o Encontro de Culturas Tradicionais é um espaço de rediscussão e resistência. Pode-se constatar que as principais preocupações giram em torno do reconhecimento das identidades tradicionais, demarcação das terras indígenas, preservação da natureza e das sementes tradicionais, através dos ensinamentos dos povos presentes e das trocas de experiências, preservação da cultura e a luta contra os preconceitos, uma vez o encontro possibilita o intercâmbio entre etnias, dando a oportunidade ao diálogo, a tolerância, e aos povos tradicionais de compartilharem suas sabedorias.

A questão territorial esteve presente nas falas das lideranças indígenas participantes, pode-se notar que muitos ainda sofrem com a ausência de demarcação das terras e com a tentativa de invasão por parte dos latifundiários. O Encontro, nesse sentido, proporciona o fortalecimento e união das etnias, gera visibilidade na mídia, uma vez que estão presentes formadores de opinião do Brasil e de outras partes do mundo, e coloca em discussão as necessidades dos povos indígenas no que tange à saúde, alimentação, educação e território. O espaço conquistado no coração da Chapada dos Veadeiros é um local de resistência, de produção simbólica, de construção de conhecimento, seja indígena, quilombola ou qualquer outra manifestação tradicional, onde negros, índios e brancos ganham voz, convivem e dialogam em prol da cultura, de políticas públicas, de propostas sustentáveis que possam levar a uma efetiva mudança de cenário. Um movimento contra-hegemônico que luta para sobreviver a cada ano.

Devido às dificuldades para a captação de recursos, o número de etnias foi menor em 2014, e pela primeira vez a Aldeia Multiétnica cobrou uma taxa de entrada dos visitantes. Os visitantes também tiveram a opção de adquirir um pacote com camping e alimentação no local, juntamente com os indígenas. Essa ação possibilitou angariar fundos para que a aldeia pudesse custear as despesas com alimentação e transportes dos indígenas presentes.

A autonomia e a busca por recursos e alternativas para a realização do encontro, demonstraram que tanto organizadores quanto comunidade da região e participantes estão

engajados e têm consciência da importância do Encontro no que diz respeito à cultura, à preservação da Chapada e conseqüentemente do seu turismo. O evento aquece a economia local mais do que o turismo do ano inteiro. Atrai em média 30.000 visitantes no mês de julho. Foi possível também, notar que o mesmo não segue um padrão de evento, não existe uma programação pré-definida de todas as atividades e apresentações. Os grupos presentes tem a liberdade de definir o momento de suas apresentações, o que dá ritmo ao encontro e o deixa mais orgânico. Essa liberdade e fluidez comprovam mais uma vez a tentativa de se pensar e fazer cultura de uma forma diferente.

Aprender a conviver melhor com a terra, aprender o valor da simplicidade, aprender a conviver com a diversidade, reconhecer as tradições, conviver em comunidade de forma igualitária, integrar-se, são algumas das lições proporcionadas pela convivência com os povos durante o Encontro. Uma experiência transformadora e inspiradora, que reflete a riqueza do patrimônio cultural imaterial produzido na região.

BIBLIOGRAFIA

ASTRAIN, Ricardo Salas. Ética intercultural e pensamento latino-americano. In: SIDEKUM, Antonio. Alteridade e multiculturalismo. Ijuí: Unijuí, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. Cultura Transnacional y Culturas Populares. Lima: Ed. Con. R. Roncaglio: IPAL, 1988.

CAVALEIRO DE JORGE. Documentário: Cada terra tem um uso, cada roda tem um fuso. 2009. Brasil: ASJOR.

DAVIS, Alain. “A Ideologia do racismo.” Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

GRAMSCI, Antonio. Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura. Roma, Reuniti, 1971.

IPHAN: Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12308&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. 10/05/2014.

MOURA, Clovis. Encarte da revista Princípios, ed. 129. S. Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

NAZARETH, Maria. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. Comunicação e Informação v. 9. 2006.

NAZARETH, Maria. Os desafios da produção científica no neoliberalismo: As culturas e a comunicação subalternas. Salvador: ENECULT, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Dossiê América Latina. “Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina”. Estudos Avançados 19, 2005.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e os novos embates da filosofia de práxis. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2000.

SVAMPA, Maristella. Movimientos Sociales Y Escenario Politico: Las nuevas inflexiones del paradigma neoliberal em America Latina. Caracas: CLACSO, 2007.

UNESCO. Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural, 2009.

ZIBECHI, Raúl. Los Movimientos sociales latino-americanos: tendências Y desafios. Buenos Aires: CLASCO, 2003.